

VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo
III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo

Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei

24, 25 e 26 de setembro de 2014

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

“Tô na net... pra estudar!” Decifrando os significados do curso de graduação a distância para jovens alunos

Marcelo de Rezende Pinto¹

Sara Pimenta Resende²

Paula Karina Salume³

Resumo

Pode-se perceber, nos últimos anos, um considerável aumento do número de cursos de graduação oferecidos na modalidade a distância. Levando em conta que pouco se sabe como se configura a articulação de significados com relação a essa modalidade entre os alunos, surgiu o interesse em conduzir uma pesquisa empírica cujo objetivo foi investigar como o consumo de experiências pelos estudantes do curso de graduação em Administração a distância interage com o sistema cultural e simbólico envolvido no fluxo da vida social cotidiana. O “desenho” da pesquisa se desenvolveu tendo por base uma abordagem etnográfica conjugada com alguns pressupostos da *grounded theory*. A partir dessa decisão, 12 estudantes foram convidados a contribuir para a pesquisa. Os dados foram analisados por meio da Análise de conteúdo. Os resultados apontam que os jovens alunos parecem vivenciar diversas sensações como sonhos, desejos, sentimentos como amor, ódio, raiva, divertimentos e atividades alegres, tristes, divertidas e prazerosas, tal qual como no curso presencial. Outras questões têm a ver com a dualidade marcante nos discursos dos alunos. Se de um lado eles se sentem satisfeitos com a possibilidade de estar frequentando um curso a distância, ao mesmo tempo, é possível perceber um sentimento de receio de aceitação pelo mercado e até mesmo por amigos e familiares quanto à qualidade de um curso virtual. As atividades relacionadas ao curso virtual parecem se conjugar com as atividades de participação em redes sociais, mensagens e vídeos. Por fim, como muitos deles são “aspirantes” à “nova classe média”, o fato de serem graduandos serve para contribuir para a “inclusão” deles na sociedade de consumo.

¹ Doutor em Administração pela CEPEAD/UFMG. Professor do Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA PUC Minas. E-mail: marcrez@hotmail.com

² Doutoranda em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA PUC Minas. E-mail: sara@pucminas.br

³ Doutoranda em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA PUC Minas. E-mail: paulasalume@hotmail.com

1 - Introdução

Pode-se perceber, nos últimos anos, um considerável aumento da oferta de cursos na modalidade de Educação a Distância (EaD). É possível encontrar, hoje, cursos de curta duração, cursos de graduação, pós-graduação, de diferentes áreas e temáticas, oferecidas tanto por instituições de ensino públicas ou privadas. Enfim, parece que a modalidade vive um momento de grande expansão, visto que em números divulgados pelo Ministério da Educação por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2010, cerca de 15% de todas as matrículas nas universidades brasileiras são na modalidade virtual.

Conforme salientado por Novais e Fernandes (2011), a EaD desponta como uma modalidade que vai além da utilização da metodologia com a característica importante de alcançar grandes contingentes populacionais por meio do uso intensivo das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Essas tecnologias permitem aplicabilidade e monitorização do processo de ensino-aprendizagem que parece ser de grande utilidade quando se depara com o novo contexto das gerações mais jovens. Esse novo contexto encontra lastro em novos modos de socialização e mediações inéditas, originadas principalmente de artefatos técnicos com alto grau de sofisticação que parecem colocar em xeque ou pelo menos alterar as formas e as instituições de socialização estabelecidas (BELLONI, 2002).

Dessa forma, se percebe que as novas gerações estão desenvolvendo novos modos de perceber (sintéticos em oposição aos modos analíticos e sequenciais trabalhados na escola), novos modos de aprender mais autônomos e assistemáticos, focados para a construção de um conhecimento mais afeito à experiência concreta (BELLONI, 2002).

É justamente neste contexto que se oportunizou a condução de uma pesquisa voltada para entender um pouco mais o universo da Educação a Distância na perspectiva do aluno que opta por essa modalidade de educação. A lacuna vislumbrada se aloca na percepção de que estudantes na modalidade do curso a distância estão inseridos em um sistema de valores, bem como na sociedade de consumo. Além disso, ainda que existam pesquisas de cunho mais descritivo que buscam apontar características demográficas e sociais dos alunos que decidem matricular-se em um curso virtual, pouco se sabe como se configura a articulação de significados com relação a essa modalidade entre os alunos.

É de interesse, portanto, enfatizar que, ao se dedicar ao curso de graduação a distância, esses indivíduos dão sentido a estas atividades em termos de suas próprias vidas e culturas. Ademais, ao concentrar o foco em questões que envolvem ao simbolismo destas experiências, é possível captar a experiência do consumo no mesmo sentido em que se pode discutir e descobrir as influências culturais em sua utilização (FISHER, 2006).

Surgiu daí o interesse em empreender uma pesquisa empírica na qual o objetivo principal foi investigar a forma como os estudantes do curso de graduação a distância em Administração de uma grande universidade

privada brasileira vivenciam suas experiências de consumo nas diversas atividades cotidianas relacionadas à sua vivência com a instituição de ensino.

Vale considerar que a iniciativa dos autores foi de privilegiar, por meio de um estudo de cunho etnográfico, detalhes do cotidiano dos alunos, cursista de um curso de Administração a distância, para trazer à baila questões ligadas a sua “vida vivida”, “costurada” e articulada nas relações sociais construídas na família, na escola, no trabalho, etc. Nesse sentido, é adequado enfatizar que a ideia foi mostrar as virtudes, os problemas, os desafios de quem vivencia essa realidade.

Assim, com o intuito de colaborar com a construção de um referencial teórico que preencha essa lacuna no conhecimento tanto no campo do ensino e pesquisa do curso de Administração, como nos estudos de consumo, pretende-se desenvolver um trabalho a partir da seguinte questão de pesquisa: Como os alunos do curso de graduação em Administração a distância constroem os significados relacionados ao consumo de experiências de atividades de ensino?

Assim, estruturou-se o trabalho da seguinte forma: inicialmente, foi elaborada uma seção visando a revisar sucintamente alguns pontos importantes sobre o consumo com ênfase na ampliação de suas abordagens, conceitos e perspectivas. O recorte adotado foi o de dar voz ao consumo em uma perspectiva social e simbólica. Julgou-se adequado também incluir uma breve seção acerca do contexto da pesquisa, ou seja, as características marcantes de um curso de graduação a distância. A seção posterior destacou o percurso metodológico adotado. Em seguida, são apresentados os principais resultados do trabalho, com foco nas categorias que emergiram ao longo das fases de coleta e análise de dados. Por fim, a última seção privilegia as reflexões finais do estudo.

2 – Alguns apontamentos teóricos

2.1 – O consumo em uma perspectiva social e simbólica

Um olhar apurado sobre o consumo e suas implicações pode levar a conexões sobre um mais apurado entendimento de vários elementos centrais da sociedade contemporânea, (BARBOSA, 2006), uma vez que tornou-se um campo de investigação complexo, ambíguo e elusivo, englobando várias atividades, atores e um conjunto de bens e serviços que, frequentemente, não se restringem necessariamente aos fornecidos sob a forma de mercadorias (BARBOSA e CAMPBELL, 2006; DESJEUX, 2011; McCracken, 2012). Nesse contexto, cabem algumas observações que parecem ter aderência ao objetivo desse trabalho. Inicialmente, quando se fala em consumo não se pode levar em conta apenas algo tangibilizado por um objeto concreto. Quando contratamos um serviço, adquirimos uma entrada para um *show* musical, votamos em um candidato em uma eleição, defendemos uma ideia sobre algum ponto polêmico, escolhemos um profissional para cuidar de nosso visual, também estamos consumindo algo. Dessa forma, ao decidir ingressar em uma universidade por meio de um curso virtual, essa ação e o desdobramento dela pode ser enquadrado como um ato de consumo. Como tal, percebe-se a complexidade característica de toda atividade de consumo.

Dando um passo adiante, pode-se também considerar que o consumo também pode ser visto como um processo social que diz respeito a múltiplas formas de provisão de bens e serviços e a diferentes formas de acesso a esses mesmos bens e serviços. Ao mesmo tempo, pode ser encarado como um mecanismo social entendido pelas ciências sociais como produtor de sentido e de identidades. Ou, ainda, como uma estratégia utilizada no dia a dia pelos mais diferentes grupos sociais para definir diversas situações em termos de direitos, estilos de vida e identidades ou como uma categoria central na definição da sociedade contemporânea (BARBOSA e CAMPBELL, 2006). Assim, ele se relaciona tanto com a forma com a qual devemos ou queremos viver quanto questões relativas à forma de como a sociedade é ou deveria ser organizada, sem falar da estrutura material e simbólica dos lugares em que vivemos e a forma como neles interagimos. Em outras palavras, pode-se considerar o reconhecimento da crescente complexidade das práticas de consumo e os modos pelos quais tais práticas, de maneira igualmente complexas, estão envolvidas nas vidas cotidianas de indivíduos concretos (MILLER, 2002).

Tentando relacionar esse apontamento teórico com o contexto da pesquisa, não é escusado afirmar que ao se dedicar às atividades de um curso de graduação a distância, o aluno parece ter “acesso” a todas essas questões relacionadas aos direitos, estilos de vida, criação de identidades, entre diversas outras, sem deixar de mencionar que tudo isso é “talhado”, articulado, (re)construído na vida cotidiana, nos pequenos detalhes do dia a dia, nos diversos relacionamentos sociais “costurados” cotidianamente.

Além disso, cabe enfatizar também que há uma perspectiva do consumo que parece ter grande articulação com a discussão aqui empreendida. Tal como discutido por Slater (2002), o consumo pode ser entendido como eminentemente cultural. Isso porque, em primeiro lugar, todo consumo envolve significado. Um indivíduo, para “ter uma necessidade” e agir em função dela, precisa ser capaz de interpretar sensações, experiências e situações, ao mesmo tempo em que precisa dar sentido a vários objetos, ações e recursos em relação a essas necessidades. Em segundo lugar, o consumo é sempre cultural, porque os significados envolvidos são partilhados; isto é, as preferências individuais são formadas no interior das culturas. Em terceiro lugar, todas as formas de consumo são culturalmente específicas. Isso quer dizer que elas são articuladas conforme ou em relação a formas de vida significativas e específicas. Por fim, é por meio de formas de consumo culturalmente específicas que (re)produzimos culturas, relações sociais e a sociedade. Em suma, vale considerar que conhecendo e usando os códigos de consumo de sua cultura, um indivíduo reproduz e demonstra sua participação em uma determinada ordem social.

Para concluir essa seção e passar a discussão para o contexto da pesquisa que é o curso de graduação a distância, é possível enfatizar que foi essa perspectiva descrita anteriormente que serviu de “pano de fundo” para a realização da pesquisa de campo e a posterior análise dos dados.

3 – O contexto da pesquisa: os cursos de graduação a distância

Segundo o Portal do MEC, no Brasil, as bases legais para a modalidade de educação a distância foram, inicialmente, estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional promulgada há quase vinte anos (Lei 9.394/96). Porém, mais especificamente, a modalidade é regulada pelo Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005; pelo Decreto 5.773, de maio de 2006; pelo Decreto 6.303, de 12 de dezembro de 2007, e pela Portaria Normativa n. 40, de 12 de dezembro de 2007.

Trazendo a discussão para o âmbito da Educação a Distância, não é escusado afirmar que foi a LDB promulgada em 1996 que trouxe amparo legal à Educação a distância ao conferir poder ao Poder Público para incentivar o desenvolvimento de cursos a distância em todos os níveis e modalidade de ensino (LESSA, 2011). O art. 80 dessa lei é que traz importantes contribuições para a modalidade da educação a distância. O destaque fica por conta do importante papel atribuído ao Poder Público para regular a modalidade de ensino, visto que ele confere poder à União de credenciar instituições, regulamentar os requisitos para realização de exames e registros de diplomas, além de propor normas para produção, controle e avaliação dos programas de educação a distância.

Outro importante documento que baliza as atividades de ensino a distância no Brasil, conforme também salientado por Lessa (2011), é o decreto 5.622 que regulamenta o art. 80 da LDB. O decreto, logo em seu primeiro artigo, define EaD como

Modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempo diversos.” (DECRETO 5.622, art. 1).

No art. 2, são definidos os níveis e modalidades educacionais ofertadas pela educação a distância. Outros artigos que tratam de questões fundamentais são os seguintes: o art. 4 que impõe formas de avaliação do desempenho dos estudantes, ponto sempre controverso em discussões no âmbito pedagógico; o art. 12, este estabelece que o pedido de credenciamento da instituição deverá ser formalizado junto a órgão responsável, mediante o cumprimento de uma série de requisitos; e o art. 13, o qual obriga as instituições de ensino a descrever, nos projetos pedagógicos dos cursos ofertados, uma série de informações contemplando as diretrizes curriculares nacionais, explicitar a concepção pedagógica dos cursos, entre outros.

Outras peças jurídicas tais como o Decreto 5.773, de maio de 2006, o Decreto 6.303, de 12 de dezembro de 2007, e a Portaria Normativa n. 40, ainda que de forma tangencial, também oferecem algumas contribuições importantes. O Decreto 5.773 dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior no Brasil. Por sua vez, o Decreto 6.303 altera os dispositivos do Decreto 5.622 ao instituir uma série de obrigações das instituições proponentes de programas de educação. A Portaria 40 institui o e-MEC que pode ser caracterizado como um sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações referentes a todo o processo de regulação da educação superior no Brasil, incluindo a educação a distância. Por fim, vale citar também a Portaria Ministerial 195 que buscou

estabelecer diretrizes para a elaboração, pelo INEP, dos instrumentos de avaliação para credenciamento de Instituições de Educação Superior para a oferta de cursos superiores na modalidade a distância.

Além do marco legal, torna-se pertinente discutir quais são os pontos positivos e negativos dessa modalidade de ensino. Diversos estudos sinalizam que a EaD apresenta uma série de vantagens para seus alunos: rompe barreiras de distância, possibilita a adequação de horários à rotina de cada um, consegue atingir grandes contingentes de alunos (NONATO e PINTO, 2013). A EaD é considerada também mais “democrática”, uma vez que possibilita a entrada de diferentes perfis de alunos residentes em locais de difícil acesso e de implantação de instituições de ensino. Embora seja relativa essa afirmação, pode-se considerar também a incorporação de novas tecnologias de ensino-aprendizagem não disponível em boa parte dos cursos presenciais como ambiente virtual de aprendizagem, fóruns, materiais audiovisuais chamativos e interessantes, interação entre colegas espalhados geograficamente e outros.

Do outro lado, pode-se apontar alguns fatores limitadores e, assim, considerados desvantagens para a EaD. Entre os pontos, alguns podem ser citados como a dificuldade de alguns indivíduos em lidar com a tecnologia (embora as novas gerações não tenham essa característica, ainda é possível encontrar algumas pessoas que não se sentem a vontade em passar horas em frente de um computador), o sentimento de isolamento percebido por alguns alunos que optam por ter sempre o acompanhamento individual do professor, a maior propensão a desmotivação por não ter contato face a face com professores e colegas, o preconceito por parte de alguns educadores e contratantes ao aluno egresso de cursos na modalidade a distância.

De importância para esse trabalho é tentar articular todas essas questões com o universo social, cultural e simbólico do principal ator de todo processo em EaD: o aluno. Tendo em vista que boa parte das reflexões em EaD dão ênfase em aspectos ligados ao uso de tecnologias, à separação física entre professor e aluno, ao processo de comunicação e mediação, aos sistemas de tutoria, parece faltar ou ao menos, deixar para segundo plano, o aspecto social e simbólico que mostra-se fundamental no processo educativo. É justamente nessa lacuna que se inserem os objetivos da presente pesquisa cujo percurso metodológico será descrito a seguir.

4 - Percurso Metodológico

Em face do objetivo proposto para o trabalho e da natureza dos fenômenos que serão investigados, os quais parecem contemplar alto nível de contradição e fluidez, adotou-se uma estratégia qualitativa de pesquisa. Adjacente a essa escolha, o “desenho” de pesquisa que se mostrou mais adequado foi aquele com características de cunho mais indutivo, próximo de uma abordagem etnográfica conjugada com alguns pressupostos da *grounded theory* em sua vertente mais interpretativista. A aderência da etnografia ao objetivo do trabalho está relacionada com a proposta de observar, participar e entrevistar o “nativo” em suas condições reais de existência, tentando entender e mapear a completude de sua vida, os diferentes princípios,

as “lógicas” e os significados por meio dos quais as pessoas atribuem sentido e organizam a “realidade” em que vivem (GEERTZ, 1989; ROCHA, BARROS e PEREIRA, 2005). Por sua vez, a *grounded theory* se caracteriza como uma metodologia ou “movimento” de pesquisa útil em casos nos quais o objetivo da investigação é entender como as pessoas se comportam em um contexto social (STRAUSS e CORBIN, 2008).

O desenvolvimento da pesquisa pode ser dividido em cinco grandes fases: revisão da literatura e definição da questão da pesquisa, delimitação e concepção do campo de estudo, trabalho de campo e análise e interpretação dos dados.

Na fase de revisão da literatura e definição da questão da pesquisa, vale destacar um aspecto fundamental. Em estudos baseados na *grounded theory*, o pesquisador não começa seu projeto com uma teoria preconcebida, até mesmo porque existem lacunas nas teorias existentes que não permitem ao pesquisador lançar mão de um modelo explicativo ou de um grupo de hipóteses norteadores. Ao contrário, opta por iniciar com uma área de estudo, permitindo que a teoria surja a partir do trabalho do campo. Assim, não se assume um referencial teórico *a priori*. Pelo contrário, o pesquisador deve se limitar a apresentar um breve estado da arte da área de conhecimento, com vistas a perceber lacunas na literatura (BANDEIRA-DE-MELLO e CUNHA, 2006). Essas características, marcantes da *grounded theory*, mostraram-se aderente ao caso dessa pesquisa, tendo em vista que pouco se sabe sobre como se dá a interação do aluno de um curso na modalidade virtual com outros aspectos de sua vida cotidiana.

Quanto à etapa da delimitação da pesquisa, optou-se por conduzir uma investigação com estudantes do curso de graduação a distância em Administração de grande universidade particular de Minas Gerais. Não foi estabelecido nenhum “recorte” para a escolha dos entrevistados pois os pesquisadores optaram por seguir o conceito de “amostragem teórica” proposto por Strauss e Corbin (2008). pode-se definir amostragem teórica como coleta de dados conduzida por conceitos derivados da teoria evolutiva e baseada no conceito de “fazer comparações”, cujo objetivo é procurar locais, pessoas ou fatos que maximizem oportunidades de descobrir variações entre conceitos e de tornar densas as categorias em termos de suas propriedades e de suas dimensões (STRAUSS e CORBIN, 2008, p. 196).

Foram conduzidas entrevistas em profundidade, balizadas por um roteiro de entrevistas com questões bastante amplas e abertas, com 12 alunos do curso. As entrevistas tiveram duração média de 55 minutos. Julgou-se adequado finalizar as entrevistas quando se atingiu o que Strauss e Corbin (2008) chamam de “saturação teórica”, que pode ser descrita como “o ponto no desenvolvimento da teoria em que não surgem novas propriedades, dimensões ou relações durante a análise” (p. 143). Dos 12 alunos entrevistados, 7 eram do sexo feminino e 5 do sexo masculino. Três deles estavam em sua segunda graduação, sendo que uma das entrevistadas era mestre em Psicologia e um dos entrevistados já havia cursado diversos cursos de pós-graduação lato sensu. Além disso, vale comentar que metade dos entrevistados reside em Belo Horizonte e

os outros têm residências em cidades do interior do estado de Minas Gerais. Todos eles tinham emprego fixo na época da pesquisa.

Quanto à análise dos dados coletados, pode-se dizer que esta fase consiste em uma das principais etapas do método da *grounded theory*, visto que as categorias emergem dos dados. Ademais, é a análise que conduz a coleta de dados. Após a transcrição das entrevistas, outra importante etapa da análise dos dados foi a codificação dos dados, que é também de extrema importância para o método da *grounded theory* (GOULDING, 2002; CHARMAZ, 2006). Como técnica de análise de dados, optou-se pela utilização da análise qualitativa de conteúdo (BARDIN, 2011), uma vez que o objetivo era identificar o que estava sendo dito a respeito das experiências dos estudantes. Foram gerados, ao final da análise, 226 códigos. A partir daí, esses códigos foram agrupados em sete grandes categorias que serão descritas na próxima seção. Em todo o processo de análise de dados foi utilizado o software de tratamento de dados qualitativos ATLAS/ti, versão 4.1.

Apresentadas as principais questões afeitas ao percurso metodológico da pesquisa empírica, a próxima seção tem o objetivo de apresentar e discutir os principais achados da investigação.

5 - Apresentação e Discussão dos Resultados

Nessa seção serão apresentadas as discussões referentes às categorias emergentes na fase de análise dos dados: as características do curso, os relacionamentos, a rotina de trabalho e estudo, os preconceitos com relação ao curso a distância, os simbolismos, a curso e a inclusão social, e, por fim, o curso a distância como um espaço de construção de identidade.

As características do curso

Com relação a essa categoria, torna-se necessário dividir a análise em duas partes. A primeira busca entender como os alunos da modalidade virtual percebem o curso de Administração. Em outro momento, a análise já foca na percepção dos discentes com relação a educação a distância, ou seja, cursar uma graduação a distância.

Pode-se afirmar que os alunos percebem o curso de Administração como um curso “generalista”, “amplo”, “pouco focado”, nas palavras dos próprios entrevistados, com muitas áreas e possibilidades de atuação. Na visão deles, isso pode se constituir tanto um problema como uma virtude, dependendo da perspectiva adotada. Cabe ressaltar que essa questão é sentida tanto pelos alunos cujo curso é a primeira graduação como por aqueles que já estão no segundo curso superior. O mesmo pode ser dito quando se compara os discursos dos alunos mais inexperientes no mercado de trabalho como com daqueles que já atuam profissionalmente há mais tempo. A grande maioria deles não considera o curso difícil de acompanhar, obtendo a aprovação das disciplinas de forma relativamente fácil, sem grandes esforços de dedicação e

estudo. Ademais, vários entrevistados enfatizaram um importante ponto positivo do curso que é a empregabilidade, dadas as diversas oportunidades de estágio e de emprego para os profissionais da área. Muitos deles chegaram a dizer que “... Só fica desempregado em Administração quem quer”, mesmo sabendo que, em muitos casos, a remuneração é baixa.

Pode-se ressaltar também tem a ver com a afirmação dos alunos de que não houve planejamento financeiro e “operacional” na ocasião que tomaram a decisão em cursar a graduação em Administração. Isso pode ser explicado pelo que foi pela facilidade para ingressar no curso.

No que tange ao curso na modalidade virtual, outras características foram consideradas importantes pelos entrevistados. Entre elas, pode ser citada a disciplina. Muitos alunos relatam que aprenderam a ser mais organizados, focados e disciplinados após cursarem vários semestres do curso virtual.

Aprendi a me disciplinar, então os meus horários são horários pre-determinados , com planejamento. Então tenho horários de trabalho, horários de família, horário da igreja, horário dos amigos... então, a gente consegue conciliar todos esses horários... horários de estudo é o horário principal... eu estudo na hora que eu tô no ônibus, a hora que, agora mesmo, eu tava lendo uma parte, aonde eu estou parado, eu tô lendo... (Entrevistado 08)

Outra característica ressaltada pelos alunos como essencial para o curso a distância é a autonomia, pois o aluno precisa, mesmo com a ajuda do material didático, das ferramentas de interação, da ajuda dos professores e dos tutores, de aprender a se organizar e ser auto-didata para dar conta dos desafios do curso.

Percebe-se também uma firmeza com relação à decisão de cursar o curso a distância. Ou seja, os alunos, após cursar as disciplinas na modalidade virtual, assumiram que não gostariam de mudar para a modalidade presencial.

Uma das características do curso que parecem fazer sentido é a presença constante, relatada por vários entrevistados de um sentimento de desamparo e solidão principalmente quando acontece algo que foge da rotina no curso. Esse sentimento será devidamente discutido em uma das próximas seções.

Por fim, vale ressaltar que, de forma geral, a análise dos discursos dos entrevistados permite afirmar que existe pouca familiaridade do aluno com a construção do conhecimento. Boa parte deles ainda prefere se colocar passivamente frente à construção do conhecimento, elegendo o professor como o grande protagonista do processo. Para isso, decoram conceitos, fórmulas e não conseguem fazer as conexões com a prática. Ou seja, tal como exposto por Lopes e Sopchaki (2013), visto que a modalidade virtual exige mais autonomia, autogestão, autoestudo, auto-organização, autodidatismo, opostamente, ela também carrega o risco de não alcançar seus objetivos, levando em conta a falta da figura do professor, que tem a função precípua de motivar, esclarecer, emancipar e traçar relações ético-políticas.

Ganha vulto, nesse ponto, a questão dos relacionamentos, categoria que será discutida a seguir.

Os relacionamentos

No tocante à categoria Relacionamentos, há que assinalar alguns pontos importantes. Em primeiro lugar, pode-se levar em conta que o ambiente virtual não se caracteriza pela falta de relacionamentos ou que o aluno tem contato apenas com o computador. Há diversas formas de interação, porém de forma distinta de um curso tradicional. É interessante perceber que, embora os alunos afirmem que havia uma boa relação com os colegas de turma, professores e tutores e que os atritos fossem inexistentes, em diversos pontos dos discursos, a realidade mostrava-se outra. Alguns alunos reclamavam da falta de “calor humano” no curso, ou seja, ao longo do curso, havia poucas oportunidades de interação e, quando aconteciam, eram de forma superficial e rápida. Muitos chegaram a afirmar que conheciam pessoalmente alguns colegas apenas na ocasião da aula inaugural e nas provas presenciais que acontecem duas vezes por semestre. Mesmo assim, foi possível perceber alguns exemplos de alunos que conseguiram ir além desses contatos. Uma das entrevistadas, por exemplo, chegou a afirmar que havia um movimento interessante entre os alunos do curso para criar um grupo de estudos e relacionamentos no Facebook.

Tem pessoas que a gente troca experiências pelo ambiente né, então acontece muito mais em função dos fóruns, os fóruns de discussão, agora recentemente alguns colegas tem criado grupos de estudo no face, eu também aderi a idéia do face, vamos ver o que vai dar... (Entrevistada 7)

Arelada a essa questão, pode-se considerar também que a criação de uma rede de relacionamentos entre os alunos com o intuito de obterem informações sobre provas, exercícios de semestres anteriores, matérias de provas, etc. Vale citar também casos do que alguns estudantes chamam de “*e-colas*”, ou seja, resumos da matéria que são passados via e-mail para grupos de alunos que podem ser utilizados para consulta durante as avaliações. Ou seja, todas essas condutas parecem estar coincidentes com os mesmos vícios de alunos do curso presencial.

No que se refere aos relacionamentos com professores e tutores, não houve grandes reclamações e questionamentos por parte dos alunos. Todos os entrevistados julgaram o trabalho dos professores e tutores compatível com a demanda deles. Ademais, teceram elogios aos professores que, na visão deles, possuíam aprofundado conhecimento teórico, bem como uma capacidade de responder às dúvidas dos alunos. Porém, muitos dos alunos insistiram que sentiram falta de uma aproximação dos professores, principalmente nos momentos em que tinham dúvidas ou se sentiam desamparados ou solitários com algum problema de ordem técnica ou pedagógica. Nesses casos, percebe-se que a rede de colegas de turma, tão comum nos cursos presenciais, não se mostrou presente e eficaz para minimizar esses sentimentos dos alunos.

É, negativo, igual eu falei anteriormente, é porque assim... você tá praticamente sozinho, você manda um correio pro professor, ele vai te responder daí um tempo, ou o tutor. Então assim, não é imediato igual uma sala de aula, você levanta a mão, o professor para e pergunta: ‘qual que é a sua duvida’, então assim, a diferença ta nisso. (Entrevistada 02)

O negativo é a falta de interação com os colegas. (Entrevistado 05)

Porque nem sempre a mensagem do professor ta clara, né, então voce que tem que

buscar atrás dela, então se a mensagem não esta clara, tem que chamar, perguntar novamente... (Entrevistada 07)

Ainda que a instituição disponibilize uma série de ferramentas para o contato com aluno como sistema on-line de contato com professores e tutores, telefones, fóruns e chats de discussão, trabalhos em grupo, tudo isso não se mostrou tão eficaz para o aluno sentir-se acolhido.

Agora com relação aos colegas que eu achei que ficou faltando mesmo e eu vi as tentativas de vários professores tentando fazer dupla, fazer grupo pro pessoal tentar interagir. Mas mesmo assim, o pessoal falava que não tinha tempo e não conseguia conciliar. Eu achava estranho, assim, porque o tempo, a pessoa que não tem tempo você vê que entrega trabalho tarde, igual os e-mails que alguns colegas me mandavam, já passava de meia noite... então, com os colegas não da uma interação legal, agora não sei se é pela falta de tempo ou se é pela falta de interesse deles (Entrevistada 05)

Outro aluno chegou a apontar que sentia necessidade de maior interação entre os colegas e sentia saudade do tempo em que estudava na modalidade presencial.

Só tem a questão social né? É bacana ter um grupinho durante o intervalo, volta , assiste a aula, faz churrasco no fim de semana, você pega um pouco essa questão social... (Entrevistado 04)

Um outro aluno dá um depoimento ilustrativo com relação a questão da “virtualidade” do curso, pois o aluno parece sentir falta de a quem recorrer, a quem perguntar, a quem questionar sobre algo que o está incomodando.

É até engraçado, às vezes, eu me sentia um robzinho querendo conversar. Oh, como é que faz isso, como é que é aquilo, e não tinha como, não tinha como expressar, ou então era alguma coisa que precisava duma informação rápida e eu não tinha como, ia ter que esperar, mandar um correio, não saberia se a pessoa ia responder de imediato, ou ia passar 24 horas, 48. Me dava uma ansiedade muito grande de conseguir aquela informação. (Entrevistado 08)

Além disso, há que se ressaltar que boa parte dos alunos tem restrições com contato por meio do ambiente virtual, conforme trecho do comentário a seguir.

Mas eu não tenho nenhum convívio com o pessoal, não conheço ninguém, entendeu, nunca falei um oi com ninguém, já falei através do computador (Entrevistado 06)

Relacionada à categoria características do curso, a próxima seção busca explicar os pontos emergentes da pesquisa no tocante à rotina de trabalho e estudo relatada pelos alunos entrevistados.

A rotina de trabalho e estudo

Essa categoria mostrou-se importante para a discussão conduzida no estudo, visto que dadas as característica da educação a distância, a forma como são articuladas as rotinas de trabalho, estudo, família e lazer é algo que merece ser bem escrutinado. A primeira constatação é que em todas as entrevistas, ficou latente o

sentimento de que todos os alunos têm um dia a dia atribulado, pois precisam dar conta de diversas tarefas relacionadas a várias horas de trabalho, cuidados com a família e os estudos, sem contar eventuais atividades de lazer. Essa situação é especialmente mais desafiadora para as mães que precisam compatibilizar essa rotina com afazeres domésticos e cuidados com os filhos. Muitas alunas acabam vivenciando um dilema, pois após trabalhar ao longo do dia, ao retornar para casa, precisam dividir sua atenção com os serviços da casa, cuidados com os filhos e a dedicação ao estudo.

O primeiro período, por exemplo, foi um Deus nos acuda, porque precisava conciliar as coisas, queria estudar ao mesmo tempo que o filho quer ficar no colo, que tá pedindo uma coisa. Depois eu amadureci, eu vi que não era bem assim, tinha que separar as coisas. Não adianta você querer fazer tudo ao mesmo tempo, então você tem que fazer a divisão das tarefas... , então me adaptei, assim, estudo cada dia uma única disciplina né? (Entrevistada 02)

Além disso, um dos grandes atrativos da educação a distância que é a flexibilidade de horários para estudar, pode se tornar uma “armadilha” para alguns estudantes que não conseguem se organizar para se dedicar às atividades do curso. Um dos entrevistados chega a afirmar que não vem conseguindo bons resultados na modalidade virtual por não ter a disciplina necessária para conduzir o curso de forma adequada.

A rotina de trabalho e estudo é permeada por desafios e também por atritos. Embora muitos dos alunos frisem que os familiares apoiam e valorizam a decisão de cursar uma graduação na modalidade virtual, em diversos momentos, os entrevistados chegam a confessar que as cobranças e as desavenças são comuns no dia a dia. O depoimento de um aluno é bastante representativo dessa situação quando relata que chegou a terminar um relacionamento amoroso pelo fato de ter que se dedicar ao estudo.

...Criaram um certo empecilho quanto a isso. Minha própria namorada ... também me desgastei muito, né? Ela dizia: Ah, eu quero sair.. Eu dizia: não posso, não dá... ah, você não me ama, né, acaba criando esses atritos também.. E também assim, pelo pai da gente, pela mãe da gente que a gente tem hora que tira um pouco da atenção, do foco... (Entrevistado 09)

Quanto à rotina de estudos, vale considerar que os alunos mais bem-sucedidos são aqueles que conseguiram criar uma rotina de estudos aderente a suas outras atividades. Ou seja, foi possível constatar que aqueles alunos mais organizados e comprometidos que criaram uma rotina de estudo com a definição clara dos prazos e um foco nas atividades do curso ao longo do semestre se mostrou eficaz. Outra questão percebida tem a ver com o grau de autonomia que parece fazer a diferença entre os alunos. Para aqueles que insistiram em ser dependentes do professor e da cobrança advindas deles, mostraram-se pouco adaptados ao ambiente virtual.

A análise dos discursos dos alunos permite afirmar que no dia a dia de estudo, os jovens alunos parecem vivenciar diversas sensações como sonhos, desejos, sentimentos como amor, ódio, raiva, divertimentos e atividades alegres, tristes, divertidas e prazerosas, tal qual como em um curso presencial tradicional. Histórias de vida, tristes e alegres, foram relatadas. Além disso, os alunos citaram ocasiões em que

vivenciaram sentimentos de ódio pelo professor ou tutor que não o respondeu de forma adequada. No mesmo sentido, tiveram acesso a um sentimento de frustração quando não alcançaram uma boa nota em uma prova ou atividade. Em outros, o sentimento é de agradecimento aos familiares, incluindo os parceiros e filhos, que suportaram diversos momentos de cansaço, mau humor e ausência em véspera de provas. Por outro lado, citaram bons momentos quando conheceram pessoalmente um colega, após semestres de contato somente pelas mídias sociais.

Marcante na pesquisa de campo foi a emergência de um sentimento de preconceito com relação a algumas questões envolvendo o curso na modalidade virtual. Dessa forma, julgou-se pertinente a escolha da categoria preconceitos com relação ao curso a distância, categoria essa que será devidamente discutida na próxima seção.

Os preconceitos com relação ao curso a distância

Ficou bastante evidenciada nas diversas entrevistas a constatação de alguns preconceitos com relação ao curso a distância. No tocante a esses preconceitos, cabem duas considerações. Uma delas tem a ver com a noção de que esse preconceito estava presente nos próprios alunos ao ingressarem no curso. Muitos deles confirmam que “pagaram para ver” ao tomarem a decisão de investir esforços em um curso a distância. É importante assinalar, contudo, que esse preconceito foi sendo gradativamente vencido à medida que o aluno foi conhecendo as características do curso a distância. Foi possível perceber nas análises das entrevistas que muitos deles mudaram de postura muito em decorrência da “teimosia” deles em enfrentar novos desafios.

... É só essa questão mesmo que eu queria, não, que eu queria colocar mais assim é que a gente vai ter que trabalhar duro pra desmistificar, realmente, porque tem muito preconceito, entendeu? Tem muito preconceito, eu acho que a pessoa, ela só vai perder esse preconceito a partir do momento que ela tiver a experiência... (Entrevistada 01)

Porque depois que eu comecei a distancia eu vi que ela tava me atendendo e estava superando a minha expectativa, né. Eu achei que ia fazer um curso por fazer, mas não, eu vi que o curso era sério, que as disciplinas eram sérias e que isso tava agregando na minha vida, tanto profissional quanto pessoal. (Entrevistada 05)

Antes, antes eu achava: Será que vai da certo? Será que esse trem funciona mesmo? Aí eu procurei, me informei na internet e tal, saber se era reconhecido pelo MEC e realmente é, e aí eu optei por ele, mas isso antes, e agora eu vi que sim que é necessidade do mercado (Entrevistada 10)

A outra consideração está relacionada ao preconceito que os alunos relatam presentes em amigos, colegas, familiares quando é falado sobre o curso a distância. Muitos dos entrevistados também concordam que há nas empresas uma forma velada e pouco explícita de diferenciação entre alunos oriundos de um curso da modalidade presencial de outro optante pela modalidade virtual. Muitos dos entrevistados chegam a citar a preocupação de colegas ao buscar a certeza de que não seria identificada no diploma a modalidade cursada por ele. Os entrevistados citam que muitos conhecidos e amigos parecem dar ao curso virtual equivalência, pejorativamente, ao que falam do “curso de final de semana” como algo ruim, menor, sem qualidade.

Curioso notar também a citação de uma das entrevistadas, cursista de segunda graduação, que relata o preconceito de diversos profissionais da área de educação quanto ao curso a distância. Na visão desses profissionais, o curso a distância seria de qualidade inferior, fácil de obter aprovação, além de promover o sucateamento do sistema de educação com a demissão de professores, diminuição das condições de trabalho para tutores, entre outros problemas.

Emergiu também a questão do preconceito contra quem não tem curso de graduação, mesmo com boa experiência profissional e tempo no cargo. Alguns entrevistados, bem remunerados e com boa posição hierárquica nas empresas em que atuam, chegaram a relatar situações negativas vivenciadas por eles pelo fato de não terem curso de graduação. Entre essas situações, os entrevistados citaram perda de oportunidades para cargos com maior nível hierárquico e até, em alguns momentos, segregação por parte de colegas de trabalho com maior grau de escolaridade. Esse contexto parece ser coincidente com o que foi verificado por Pinto e Salume (2013) ao estudar os significados do curso de Administração para alunos da modalidade presencial.

Porque, na verdade, as pessoas podem achar que não há um preconceito mas existe um preconceito explícito hoje em relação a isso. É, a gente vê em muitos ambientes que você frequenta, quando você fala, por exemplo, a pessoa, uma das perguntas que ela te faz: Ah, qual que é a sua profissão? E você, na verdade, tem uma profissão, mas vinculada ao cargo que você ocupa na empresa. A gente pode achar que não, mas existe um preconceito sim, e fazer a faculdade, você ter um curso em nível superior, ele quebra um pouco isso né? Eu pessoalmente não sou preconceituosa nesse sentido, mas os ambientes que você frequenta muitas vezes encontra esse preconceito sim, então, a faculdade te ajuda... (Entrevistada 11)

Ou seja, os discursos anteriores parecem estar aderentes ao fato de ser bacharel no Brasil parece ser entendido como um tipo de poder condicionado, cuja principal característica é a inferiorização do indivíduo que não tem um título.

Pode-se afirmar que questões simbólicas também fizeram parte dos discursos dos entrevistados no tocante ao curso a distância. A próxima seção tem o objetivo de apresentar e discutir os principais resultados alcançados com a análise das entrevistas referente a essa importante questão.

Os simbolismos

O significado do que é a faculdade para os alunos entrevistados é algo que não pode passar despercebido na análise dos dados coletados na pesquisa, principalmente para aqueles alunos oriundos de classes econômicas menos favorecidas. A faculdade para esses alunos parece representar uma série de atributos que vão desde o aumento da confiança e da autoestima como no alcance de conquista pessoal que possibilita maior valorização na família, no círculo de amigos e garante maior status social. Além disso, os alunos concordam que com o curso superior terão melhores oportunidades no mercado de trabalho, melhorarão sua renda, além de crescimento profissional.

Eu nunca consegui um emprego bom pra mim que me ajudasse a pagar a faculdade, sempre eu fiquei pulando de galho em galho, nunca ganhei um salário bom na minha vida sabe? Então, eu falei assim: Vou entrar na faculdade e vamos ver se vai melhorar... por isso, eu aposto que vai... (Entrevistado 06)

Uma questão que emergiu nas entrevistas que parece ter foco em aspectos simbólicos está relacionada com o fato do aluno na modalidade virtual não dar importância a eventos sociais valorizados pela maioria dos estudantes na modalidade presencial como festa de formatura, convite, diploma e outros encontros. Isso pode ser explicado tendo em vista o pouco contato dos alunos com seus colegas de turma, o que tornaria esse tipo de atividade sem efeito relacional.

Além disso, pode-se ressaltar que estar matriculado em um curso a distância não parece ter um efeito conspícuo. Isso quer dizer que boa parte dos alunos relataram em seus discursos que muitos amigos, colegas e até familiares não sabem que eles cursam uma graduação.

Tal como constatado por Pinto e Salume (2013) em uma pesquisa envolvendo o curso de graduação presencial em Administração, os alunos destinam grande carga simbólica ao diploma. Boa parte deles atrela o diploma ao sentimento de orgulho, realização de um sonho, aumento da empregabilidade, satisfação da família, elevação da auto-estima, capacidade para enfrentar desafios, perseverança entre outros. O fato de ter obtido uma vaga em um curso de graduação em uma universidade reconhecida, mesmo que na modalidade virtual, também é motivo de orgulho por parte dos alunos e de seus familiares e amigos.

O fato de o aluno terem se tornado mais “tecnológico” com o uso das tecnologias de informação, também parecem ter proporcionado a eles um sentimento de “empoderamento” enquanto ator social. Isso quer dizer que eles passaram a ser incluídos na sociedade marcada principalmente por questões relacionadas ao consumo. Essa questão será devidamente escrutinada na próxima seção.

O curso e a inclusão social

Um dos principais achados da pesquisa foi a emergência de alguns pontos relacionados ao curso como inclusão social. Esse fato pôde ser constatado quando as primeiras análises das entrevistas começaram a ser conduzidas, principalmente daqueles alunos oriundos de classes econômicas mais baixas. Os alunos entrevistados, em tom quase ufanista, chegavam a considerar o curso como uma grande conquista pessoal. Isso parece fazer sentido quando se leva em consideração o contexto familiar desses alunos, ou seja, eles são oriundos de famílias humildes, nas quais o pai e a mãe têm baixo nível de escolaridade e, muitas vezes, eles são os primeiros do grupo familiar a frequentar um curso de graduação. Nesse ponto valeria a pena levantar alguns questionamentos ligados à posição que a educação sempre foi encarada no Brasil como algo elitista e pouco comum às classes mais baixas, o que oferece o contexto para tal situação encontrada na pesquisa. Alguns alunos chegam a relatar que eles são considerados heróis pelos familiares, pelo “simples” fato de estar cursando uma graduação. Também foi comum o relato da “festa” feita pelos pais quando eles conseguiram ser aprovados no processo seletivo.

Cabe comentar também o fato de que foi notado que a obtenção do diploma parece remeter o aluno ao sentimento de conquista e de portador de uma “credencial” que o possibilita ascender socialmente e ter acesso a uma série de direitos, até então não permitido a eles.

Nota-se nessa situação uma grande influência da estrutura familiar dos alunos. Muitos deles vieram de famílias muito humildes, nas quais ter um título acadêmico era considerado algo inatingível e “de luxo”, como definiram alguns dos entrevistados. Nesse ponto, é importante lançar mão de alguns conceitos que remetem a características sociais e culturais do Brasil. É sabido que o direito de estudar em nosso país, historicamente, esteve ligada a uma elite. Dessa forma, quando um indivíduo oriundo de uma classe econômica menos privilegiada consegue obter um título acadêmico, ele é considerado um “*outlier*” ou alguém que conseguiu chegar “*longe demais*” ou “*foi contra a maré*”, como bem explicou um dos entrevistados. Os seguintes trechos dos discursos dos entrevistados ilustram essa constatação.

Venho de uma família humilde né, na qual sou filha única, e assim, foi pra eles novidade né que tá fazendo faculdade (Entrevistada 03)

Olha, os meus pais eles não tem formação em nível superior, a minha mãe ela tem formação no antigo ginásio, que fazia 4 anos, naquela época né, o meu pai tem o ensino médio completo mas ele tem o técnico em eletrônica, que ele trabalhou muitos anos em banco. Dos meus irmãos, que são 5, tem só uma que é formada em administração, é, dois que completaram só o ensino médio e não quiseram mais estudar (Entrevistada 11)

Todas essas questões parecem desaguarem em uma questão que parece cara à pesquisa: o curso a distância parece ser configurar como um importante “espaço” para a construção de identidade dos alunos que optaram por essa modalidade de ensino. A próxima seção foca as discussões nessa categoria de análise.

O curso a distância como um “espaço” para construção de identidade

Ainda que não fizesse parte dos objetivos da pesquisa, a questão da internet como um novo espaço de interação social emergiu das entrevistas e acabou se configurando como uma importante categoria de análise. Assim como já relatado nas seções anteriores, os alunos relataram que a perspectiva deles mudou com relação à perspectiva que tinham do ambiente virtual. Na visão deles, o fato de se dedicarem a um curso a distância passou a ter influência em outras esferas de suas vidas pessoais. Eles enfatizaram que a partir do curso passaram a fazer compras na internet, a utilizarem as mídias sociais e até melhoraram seu relacionamento com outras ferramentas tecnológicas.

É nesse contexto que cabe uma série de análises conduzidas por autores adeptos da corrente do campo de estudos envolvendo cultura e consumo. Nesses termos, se considerarmos, tal como analisado por Retondar (2007), a esfera do consumo pode ser entendida como um sistema de comunicação social, sistema esse no qual os diversos produtos e serviços são constantemente associados a distintos universos significativos. Essencialmente, essa associação se dá de modo flexível, pois o ato de consumo se transforma em um ato de adesão simbólica em que a escolha do bem ou serviço se transforma em uma escolha estratégica, no qual o

consumidor vai definindo sua identidade. Em outras palavras, os indivíduos, utilizando os bens de consumo disponíveis no mercado, forjam um sentido diversificado e, muitas vezes, um senso fragmentado do “eu”. Nesse sentido, o mercado torna-se uma fonte de recursos míticos e simbólicos por meio dos quais os indivíduos, incluindo aqueles que carecem de para participar do mercado como consumidores de direito pleno, elaboram narrativas de identidade (ARNOULD e THOMPSON, 2005; 2007). Neste caso, as experiências de consumo enquanto uma experiência onde os atores optam pelos significados e significações a estes atrelados, caracteriza tal experiência como um processo de individuação e produção de subjetividade e, essencialmente, um mecanismo a partir do qual tais agentes definem, criam e recriam suas identidades (RETONDAR, 2007).

Toda essa discussão parece ter aderência ao discurso dos alunos pesquisados.

Na minha vida profissional quanto pessoal ele [o curso] mudou mesmo a minha visão, é, é igual, eu sempre procurei ler, eu sempre procurei saber, mas com administração o nível é outro sabe? Com o curso, nossa, eu passei a ter um olhar crítico para todas as coisas, não só na vida profissional, o que eu tinha que fazer de atividade ou não, mas em toda a minha vida pessoal eu passei a ter um olhar crítico, e assim, me ajudou muito, muito mesmo... (Entrevistada 05)

Então o curso ele já está me ajudando a ter novas ideias, a propor novas soluções, a investir em novos projetos, em projeto, por exemplo de documentação de processos eu tive segurança de propor em função do que eu estou estudando, então tudo isso são novas perspectivas de trabalho e de funções que eu estou assumindo, de novos caminhos que eu estou abrindo (Entrevistada 07)

Vale considerar também que o curso tem um papel importante na função não somente na formação técnica, mas, sobretudo no entendimento e aprofundamento de questões de base ética e filosófica.

É como se fosse os pais ensinando a criança a andar. Eu acho que a faculdade pega, acolhe a pessoa e fala: “Olha, vou te dar uma definição de como é a vida, como é o mercado, como você vai proceder, como você vai respeitar as pessoas né? Eu acho que o curso focou isso muito também, é, respeitar as diferenças, ser ético, então eu acho que isso é muito interessante... (Entrevistado 09)

Frente a todas as discussões conduzidas acerca das categorias emergentes na pesquisa, torna-se adequado caminhar para as considerações finais.

6 - Considerações Finais

Ao chegar às considerações finais do trabalho, de início, vale ressaltar os principais resultados do trabalho que parecem apontar para algumas questões. Em primeiro lugar, os jovens alunos parecem vivenciar diversas sensações como sonhos, desejos, sentimentos como amor, ódio, raiva, divertimentos e atividades alegres, tristes, divertidas e prazerosas, tal qual como no curso presencial. Outras questões têm a ver com a dualidade marcante nos discursos dos alunos. Se de um lado eles se sentem satisfeitos com a possibilidade de estar frequentando um curso a distância, ao mesmo tempo, é possível perceber um sentimento de receio de aceitação pelo mercado e até mesmo por amigos e familiares quanto à qualidade de um curso virtual. Além disso, ao ressaltarem que o curso virtual propicia “liberdade” com relação ao tempo e até mesmo às

novas formas de aprendizado, os alunos apontam que o contato com os professores faz falta. As atividades relacionadas ao curso virtual parecem se conjugar com as atividades de participação em redes sociais, mensagens e vídeos. Por fim, assim como em um curso presencial, pode-se afirmar que os alunos do curso virtual ao vivenciarem todas suas experiências com professores, com tutores, com os colegas de sala e de trabalho, com integrantes da família e outros atores dão sentido a essas experiências em um grande círculo de interação social e convívio. Como muitos deles são “aspirantes” à “nova classe média”, o fato de serem graduandos serve para contribuir para a “inclusão” deles na sociedade de consumo no sentido de que criam suas próprias identidades como consumidores.

Retornando aos objetivos proposta para a pesquisa, pode-se dizer que o estudo buscou entender os detalhes do cotidiano que compõem a “vida vivida” pelos estudantes do curso de graduação a distância em Administração de uma grande universidade privada brasileira no tocante as suas experiências de consumo com a instituição de ensino em um sentido *lato*. O título do trabalho mostrou-se adequado, pois quando se confronta as mídias sociais com o público jovem, existe uma tendência de se considerar a internet como um espaço para lazer, convivência e lazer. A pesquisa mostrou, conforme sintetizado anteriormente, que o espaço virtual pode ser um *locus* interessante para o desenvolvimento dos indivíduos tanto do ponto de vista técnico como na perspectiva ética e social.

No tocante à proposta de considerar a educação a distância como uma nova modalidade, torna-se pertinente elaborar algumas considerações. Pode-se afirmar que a EaD não é perfeita, nem pode ser considerada inadequada. Ainda que críticas advindas de várias partes possam alimentar os preconceitos e os mitos com relação a essa modalidade, algumas questões precisam ser trazidas à baila. Em primeiro lugar, a EaD depende do perfil do aluno. Há alunos que se adaptam ao modelo virtual e têm rendimentos melhores no que na modalidade presencial. Em outros casos, isso não acontece. No mesmo sentido, não se pode deixar de levar em consideração o perfil do profissional de educação que, do mesmo modo que o aluno, também precisa de ter características aderentes ao modelo a distância. Em segundo lugar, há que se levar em conta o nível do curso e o grau de maturidade e envolvimento dos alunos do curso. Em terceiro lugar, por se tratar de algo ainda novo no Brasil, é aceitável a ocorrência de mitos sobre o que, de fato, é a EaD. Em quarto lugar, fazer comparações entre as modalidades pode levar a algumas incorreções que, por motivos ideológicos, acaba, privilegiando uma corrente em detrimento da outra, embora Puerta e Amaral considerem a conciliação entre os dois tipos de ensino mais indicado. Além disso, tal como enfatizado por Coscarelli (2002), há uma propaganda “enganosa” tentando relacionar EaD a “diploma fácil” que acaba por confundir a sociedade no tocante à realidade dos fatos. Por fim, nunca é escusado afirmar que o relevante nesse contexto está relacionado com as estratégias pedagógicas utilizadas. A EaD pode sofrer das mesmas mazelas da educação presencial se for pensada baseando-se nos mesmos paradigmas.

Nesse ponto, torna-se adequado discutir algumas limitações da pesquisa. O trabalho focou suas análises em um estrato de discentes, alunos de um curso de Administração oferecido na modalidade a distância. O curso, na época da pesquisa, ainda estava em fase de integralização, ou seja, a primeira turma ainda estava para se

graduar. Ademais, vale considerar que as entrevistas foram conduzidas por professores e pela coordenadora do curso. Isso certamente pode ter enviesado as respostas, pois os alunos podem não ter sentido à vontade para falar mais abertamente sobre os problemas, dificuldades relacionadas com o convívio com os professores, colegas, funcionários e outros.

Sendo assim, também é possível apontar algumas sugestões para estudos complementares, que possam contribuir para uma base de conhecimento sobre os temas aqui tratados. Uma delas tem a ver com aumentar o “recorte” dos alunos entrevistados, bem como investigar as mesmas questões em cursos oferecidos em instituições públicas de ensino. Seria interessante também avaliar a percepção de alunos que ainda não têm experiência profissional. Ademais, pesquisar outros contextos de ensino de administração como, por exemplo, o ensino de administração pública e confrontar os resultados da percepção de profissionais que atuam diretamente no ensino de graduação em administração como professores, coordenadores de curso, diretores acadêmicos, entre outros.

Referências

ARNOULD, E.; THOMPSON, C. J. Consumer Culture Theory (CCT): twenty years of research. **Journal of Consumer Research**, v.31, 2005.

ARNOULD, E.; THOMPSON, C. J. Consumer Culture Theory (and we really mean): Dilemmas and opportunities posed by an academic branding strategy. IN: BELK, R. W.; SHERRY Jr., J. F. **Consumer Culture Theory**. Oxford: Elsevier, 2007.

BANDEIRA-DE-MELLO, R.; CUNHA, C. J. C. de A. Grounded Theory. IN: GODOI, C. K; BANDEIRA-DE-MELLO, R. ; SILVA, A. B. (org.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

BARBOSA, L. Apresentação. IN: BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. (org). **Cultura, Consumo e Identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. O Estudo do Consumo nas Ciências Sociais Contemporâneas. IN: BARBOSA, L. ; CAMPBELL, C. (org). **Cultura, Consumo e Identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELLONI, M. L. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 78, p. 117-142, 2002.

CHARMAZ, K. **Constructing Grounded Theory**: a practical guide through qualitative analysis. London: Sage Publications, 2006.

COSCARELLI, C. V. **Educação a Distância: mitos e verdades**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/carlacoscarelli/publicacoes/EADmitosverdades.pdf>>. Acesso em: 26 de nov. 2013.

DESJEUX, D. **O Consumo**: Abordagens em Ciências Sociais. Maceió-AL: EDUFAL, 2011.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GOULDING, C. **Grounded Theory: a practical guide for management, business and market researchers**. London: Sage Publications, 2002.

LESSA, S. C. F. **Os reflexos da legislação de educação a distância no Brasil**. Disponível em <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_02.pdf>. Acesso em 25 out. 2013.

LOPES, L. F.; SOPCHAKI, C. H. Epistemologia e Pesquisa em Educação a Distância: algumas considerações e questionamentos. **Revista Intersaberes**, v. 8, n. 15, p. 8-22, jan.-jun. 2013.

McCRACKEN, G. **Cultura e Consumo II: mercados, significados e gerenciamento de marcas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

MILLER, D. **Teoria das Compras: o que orienta as escolhas dos consumidores**. São Paulo: Nobel, 2002.

NONATO, H.P.; PINTO, E. N. **Educação a distância – vantagens e desvantagens**. Disponível em <http://www.inf.ufg.br/espinfedu/sites/www.inf.ufg.br/espinfedu/files/uploads/trabalhos-finais/Artigo%20EAD.pdf> Acesso em 25 nov. 2013.

NOVAIS, S. M.; FERNANDES, A. S. A. A institucionalização do Ensino a Distância no Brasil: o caso da graduação em Administração na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 29, p. 173-201, jan/abr 2011.

PINTO, M. R.; SALUME, P. K. Os significados do curso de graduação em administração para jovens alunos trabalhadores. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 14, n. 3, p. 485-517, 2013.

PORTAL DO MEC. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em 28 out. 2013.

RETONDAR, A. M. **Sociedade de Consumo, Modernidade e Globalização**. São Paulo: Annablume, 2007.

ROCHA, E.; BARROS, C.; PEREIRA, C. Fronteiras e Limites: espaços contemporâneos da pesquisa etnográfica. IN: CAVEDON, N. R.; LENGELER, F. B. (org.) **Pós-modernidade e Etnografia nas Organizações**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SLATER, D. **Cultura do Consumo e Modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.